

Diários de Bordo do Subprojeto de Artes- PIBID/UFRJ: formação inicial, documentação artística e autoria docente

Marina Pereira de Menezes de Andrade¹
Doralice Duque Sobral Filha²
Wilson Cardoso Junior³
Mariane Brito Azevedo Borges⁴
Marina Nery Amâncio da Silva⁵
Amanda Figueiredo Ferreira⁶

Resumo

Apresenta-se a proposta dos “diários de bordo”, desenvolvida no âmbito do PIBID/UFRJ - Subprojeto Artes como recursos formativos durante o edital de 2022 e no atual edital de 2024. Procura-se entender as particularidades da proposta dos diários, em sua aplicação para licenciandos de artes visuais e expressão gráfica, avaliando a presença do uso da imagem — seja ela desenhada ou anexada como colagem, fotografia ou objeto — e a importância dada pelos estudantes aos registros livres, que transforma os diários em uma forma documental de reunir memórias, percepções, afetos e processos criativos. Observa-se a relevância da autoria como característica dos diários, o que se relaciona com a construção de uma identidade do professor-artista-pesquisador.

PALAVRAS CHAVE:

Diários de Bordo; PIBID; formação inicial; ensino de Artes Visuais; ensino de Expressão Gráfica.

Abstract

¹ Coordenadora do Subprojeto Artes - PIBID/UFRJ. Doutora em Artes Visuais pela UFRJ. Professora da Escola de Belas Artes da UFRJ.

² Coordenadora do Subprojeto Artes - PIBID/UFRJ. Doutora em Arquitetura pela UFRJ. Professora da Escola de Belas Artes da UFRJ

³ Coordenador do Subprojeto Artes - PIBID/UFRJ. Doutor em Educação pela PUC-RJ. Professor da Faculdade de Educação da UFRJ.

⁴ Coordenadora do Subprojeto Artes - PIBID/UFRJ. Doutora em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela UFRJ. Professora da Escola de Belas Artes da UFRJ.

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência no Subprojeto de Artes Visuais - PIBID/UFRJ. Licencianda em Artes Visuais pela UFRJ.

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência no Subprojeto de Artes Visuais - PIBID/UFRJ. Licencianda em Artes Visuais pela UFRJ.

This paper presents the "logbook" proposal, developed within the scope of the PIBID/UFRJ Arts Subproject as a resource for formative development during the 2022 and current 2024 program cycles. It seeks to understand the specific characteristics of the logbook, when applied to undergraduate students in visual arts and graphic expression, evaluating the use of the image — whether drawn or included as a collage, photograph or object — and the importance the students place on free-form registers, that transform the logbooks into a documentary medium for gathering memories, perceptions, affects, and creative processes. The study highlights the relevance of personal authorship as a defining feature of the logbook, a quality linked to the construction of a teacher-artist-researcher identity.

KEYWORDS:

Journal; PIBID; initial teacher formation; Visual Arts education; Graphic Expression education

Introdução

Figura 1 — Diários de Bordo - PIBID - Artes Visuais



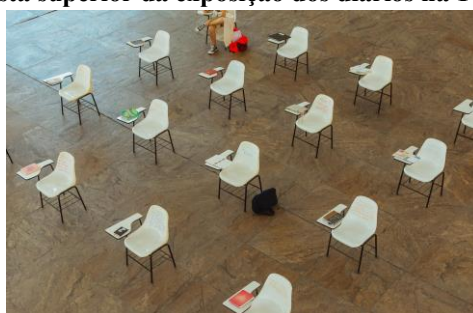
Fonte: Gabriel Nogueira Machado (2024).

O Diário de Bordo (DB), enquanto recurso metodológico utilizado no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID - edital 2024), permite o acompanhamento do percurso formativo dos Bolsistas de Iniciação à Docência (BIDs), participantes do Subprojeto de Artes, fornecendo meios para a avaliação e planejamento das atividades desenvolvidas. Trata-se de um objeto individual (figura 1), mas que se mostra representativo da unidade e envolvimento do grupo, evidenciando relacionamentos entre os

diferentes sujeitos e espaços que compõem as trajetórias e experiências de formação no programa.

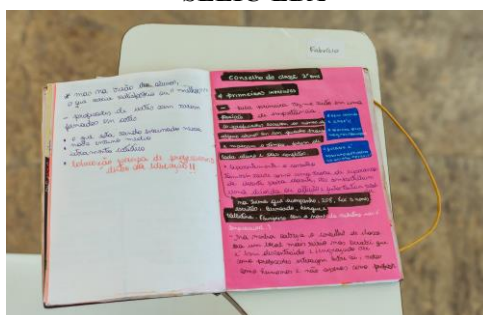
Os DBs têm sido propostos pela coordenação do subprojeto de Artes desde o edital de 2022, quando um grupo de 32 participantes exploraram seu uso como registro, criação e pesquisa. Sua intenção inicial era a de registrar e expressar momentos em sala de aula, como um arquivo para anotações do cotidiano escolar e de reflexões sobre a rotina do(a) professor(a). Esses objetos fundamentaram e ilustraram relatórios dos bolsistas, e também foram expostos como obras na 1ª Semana das Licenciaturas da EBA (1ª SELIC-EBA) e na Jornada de Formação Docente UFRJ PIBID/PRP, ambos os eventos realizados em 2024.

Figura 2: Vista superior da exposição dos diários na 1ª SELIC-EBA



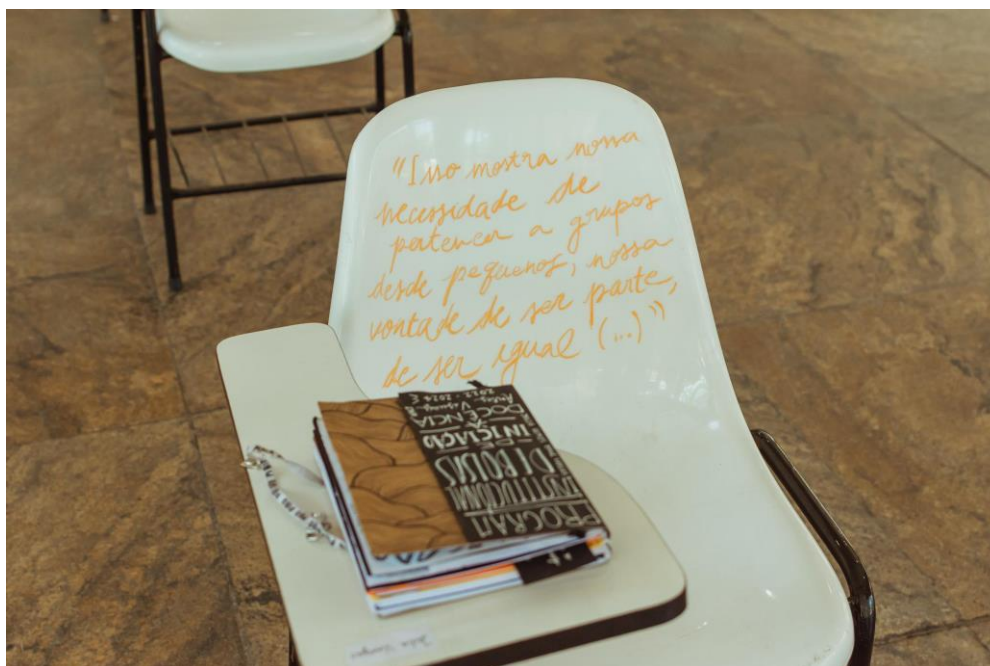
Fonte: Gabriel Nogueira Machado (2024).

Figura 3: Imagem de um diário na 1ª SELIC-EBA



Fonte: Gabriel Nogueira Machado (2024).

Figura 4 — Imagem do detalhe da instalação dos diários na 1ª SELIC-EBA



Fonte: Gabriel Nogueira Machado (2024).

Nas mãos de licenciandos de Artes Visuais e Expressão Gráfica, a relação entre imagem e palavra dos registros ganhou destaque e fez com que cada diário apresentasse uma identidade visual única. As experiências vividas na Escola de Belas Artes apareceram na escrita poética, em desenhos, colagens, pinturas e em outras materialidades. Observou-se que, para os BIDs, a documentação e a interpretação do que era vivido não podia ser expresso apenas pela palavra, havendo também a necessidade da imagem. Os DBs tornaram-se obras autorais que uniam observação, reflexão, criação e, especialmente, expressão. Fez-se assim um diário de memórias, tanto da escola quanto das vivências pessoais dos Bolsistas de Iniciação à Docência (BIDs), e passaram então a se assemelhar a livros de artistas.

A iniciativa pela apresentação dos DBs nas citadas exposições confirmou a sua função como objetos de criação e não apenas de documentação. A escolha da página e a coragem de expor o interior do(a) autor(a) do diário revelou a imersão e a compreensão do quanto é íntimo o processo de se formar como professor(a) de Artes Visuais e Expressão Gráfica. Respeitando o necessário sigilo dos dados presentes nos cadernos e atendendo às

normas escolares, a exposição mostrou possibilidades de se formar como docentes sem perder sua própria essência como artista.

Nesse sentido, os cadernos ultrapassam a função utilitária e se tornam verdadeiros dispositivos de formação e autoformação. Eles documentam não apenas conteúdos pedagógicos, como também os afetos, as dúvidas, as inquietações e os sonhos que permeiam a caminhada docente em Artes Visuais e Expressão Gráfica. Essa documentação afetiva permite revisitar suas próprias trilhas num movimento contínuo de reflexão sobre a prática, reconhecendo os momentos de crescimento e os desafios superados.. Além disso, o caráter artesanal e personalizado dos DBs reforça a singularidade de cada percurso formativo. Não há dois diários iguais, assim como não existem duas trajetórias idênticas. Essa unicidade valoriza a identidade do(a) educador(a) e ressalta a importância de metodologias que considerem a subjetividade como parte integrante do processo educativo. Ao criar, o(a) arte-educador(a) também se recria, se reinventa e fortalece o elo entre a sua prática pedagógica e a sua produção artística.

Portanto, a experiência com os cadernos revela que as artes na educação não são acessórios, mas pilares que sustentam uma visão mais humana, sensível e integral do ensino. A coragem de se expor, a beleza da criação e o compromisso com a infância caminham juntos, mostrando que é possível educar com sensibilidade, respeitando às normas e, ao mesmo tempo, preservando a chama criativa que move a docência no campo das artes. Para a edição de 2024 do PIBID, a equipe de coordenadores manteve a orientação aos BIDs para que levassem para o ambiente escolar os diários, entendendo-os como instrumentos de observação, registro e reflexão sobre o processo, assim como suportes para expressão e descoberta de suas identidades enquanto professores de Artes Visuais e Expressão Gráfica.

Referencial teórico

Segundo Philippe Lejeune (2008, p. 259), o diário “é uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados” . No sentido de captar vestígios das vivências docentes, a proposta de inserir os DBs como exercício de uma escrita cotidiana manteve as duas intenções observadas nos diários dos BIDs da edição de 2022: 1) o diário como uma forma de registrar os acontecimentos no tempo presente, estabelecendo uma relação como o lugar,

com a administração de repertórios e o arquivamento das experiências vividas no chão da escola; e 2) o diário como objeto artístico, exemplar único, dotado de uma estética própria, das materialidades, memórias e subjetividades que afetam o(a) professor(a) em formação (figuras 5 e 6). Para Lejeune:

O diário é um vestígio: quase sempre uma escritura manuscrita, pela própria pessoa, com tudo que a grafia tem de individualizante. É um vestígio com suporte próprio: cadernos recebidos de presente ou escolhidos, folhas soltas furtadas ao uso escolar. Às vezes, o vestígio vem acompanhado de outros vestígios, flores, objetos, sinais diversos arrancados à vida cotidiana e transformados em relíquias, ou desenhos e grafismos. (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Figuras 5 e 6 — Imagens internas dos diários de bordo



Fonte: Gabriel Nogueira Machado (2024).

O autor ainda complementa que no diário o conteúdo depende da sua função, ou seja, qualquer indivíduo e/ou qualquer atividade pode manter o diário como exercício descritivo. No entanto, pondera que: “A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir a pessoa” (LEJEUNE, 2008, p. 261).

A relação do DB com o professor-artista-pesquisador evidencia tensões entre a necessidade da escrita como forma de registro para artistas, cuja linguagem de comunicação é, muitas vezes, a imagem. Coloca-se, assim, a perspectiva da escrita na prática artística e em processos poéticos contemporâneos. Segundo Jan Svenungsson :

Os artistas não podem se furtar atualmente da necessidade de dar explicações, tanto como não podem se furtar da escrita. Já na escola de arte, muito se espera que você consiga descrever em palavras seu trabalho, ainda mais depois disso.

Você terá sempre que estar pronto para se expressar sobre seu trabalho, seja ele existindo realmente, seja sendo senão uma sombra em sua imaginação, para que faça parte de exposições, para que consiga dinheiro para produzir uma obra – ou simplesmente para viver. Com muita frequência, essas palavras deverão se materializar no papel ou na tela. (SVENUNGSSON, 2025, p. 232).

Embora Svenungsson venha tratar da escrita de artista numa dimensão mais complexa e por vezes acadêmica, a sua perspectiva se insere na ação de escrever como matéria da própria subjetividade artística. Desta forma, e em paralelo com Lejeune, a escrita se torna uma possibilidade de poética inicial, transcrições de memórias, elementos visuais de resistência e de sobrevivência, resquícios de materiais coletados, repertórios, desabafos, pensamentos ou contradições. O diário como elemento útil tem seu objetivo deslocado para o processo de criação e de experimentação, podendo ser interpretado numa perspectiva multimodal.

Na prática artística, o desenho é o objeto e o processo investigativo. Nessa relação, Tim Ingold pondera a dicotomia entre a imagem e o texto (desenho e escrita) colocando que “A prática do desenho tem pouco a ver com a projeção e tudo a ver com ato de percorrer um caminho” (INGOLD, 2011, p.178). No contexto da antropologia gráfica⁷, o desenho perpassa a escrita no sentido da linha desenhada unindo os movimentos de fazer, observar e descrever no olhar etnográfico, subjetivo e investigativo. Para este autor, “o desenho é uma ferramenta de observação imensamente poderosa, e dado também que ele combina observação e descrição em um único movimento gestual” (INGOLD, 2011, p. 222).

Segundo Karina Kuschnir (2019, p. 329), “o registro visual pelo desenho não é apenas uma documentação gráfica, mas também uma maneira de obter conhecimento”. Este foi um dos fatores que influenciou a proposição dos DBs como experiência desenvolvida pela equipe do subprojeto Artes do PIBID UFRJ - 2022/2024, e a conclusão de que mais do que um registro do que se vê, o DB “faz ver”. A autora aponta benefícios do diário gráfico como trabalho de campo do etnógrafo enquanto observador do mundo que nos cerca. Essa perspectiva se aproxima da intencionalidade trazida nos DBs, como um dispositivo que proporciona: conforto físico e psicológico; o registro de memórias; o entendimento sobre o tempo; a análise do espaço vivenciado; novos pontos de vista; a

⁷ Antropologia gráfica - Conceito metodológico focado em “estar junto” e registrar vivências. Estabelecido no campo da etnografia, requer um olhar atento ao desenho e na relação entre o observar, grafar e o pensar.

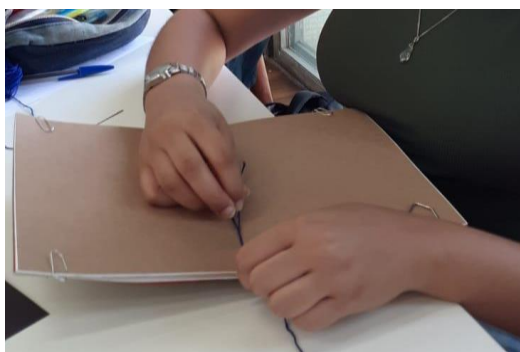
atenção para o ver e ouvir; a representação de conceitos e emoções abstratas; pesquisa, diálogo e ações colaborativas que desenvolvem a empatia; e particularidades subjetivas (KUSCHNIR, 2019).

Metodologia

A proposição dos DBs como recurso metodológico do subprojeto PIBID - Artes (edital 2024) possui um viés qualitativo, de caráter exploratório e de configuração livre. Visa fomentar registros das vivências dos BIDs no ambiente escolar e, enquanto proposição teórica, se ampara nas ideias de diário como escrita cotidiana (Lejeune, 2008), objeto artístico (Salles, 1998), escrita de artista (Svenungsson, 2025) e registro descritivo visual e gráfico etnológico (Ingold, 2011 e Kuschnir, 2019).

Teve como etapa inicial uma oficina prática de elaboração dos cadernos, produzida pelos coordenadores do subprojeto. Nesta ação, os estudantes foram orientados para a construção individual do caderno seguindo um modelo artesanal, em que as folhas fossem selecionadas pelos bolsistas e a costura realizada seguindo as suas preferências (figuras 7 e 8). Procurou-se incorporar os saberes e as experiências dos bolsistas, estimulando que relatassem as suas vivências com a produção do objeto.

Figuras 7 e 8 — Imagens da oficina de produção dos cadernos



Fonte: Equipe PIBID (2025).

A elaboração do caderno para o DB foi uma ação propositiva, não obrigatória, que visava orientar os estudantes sobre seu uso enquanto recurso individual de escrita cotidiana feita numa perspectiva multimodal (com textos, desenhos, colagens, etc.).

Com o objetivo de compreender como os diários vêm sendo utilizados e entendidos pelos BIDs do edital 2026, foi aplicada uma metodologia de análise quali-quantitativa com abordagem exploratória. No primeiro momento, com ajuda de um grupo de pibidianos, foi feita uma enquete no grupo dos bolsistas, na qual sondava-se quais eram os tipos de produções realizadas nos cadernos. A enquete (quadro 01), pedia que assinalassem as produções realizadas no diário.

Quadro 01 - Enquete sobre os tipos de produções de registros dos diários de bordo.

- 1) () Coletas e presentes;
- 2) () Descrições de atividades;
- 3) () Produções escritas de imagens a partir de aulas;
- 4) () Criações livres.

Fonte: Equipe de BIDs do PIBID - subprojeto Artes.

Podendo ter mais de uma resposta, este recurso se mostrou panorâmico, visando qualificar a existência de múltiplas linguagens dos registros. A partir desta primeira sondagem, encaminhou-se a elaboração de um questionário (quadro 02), entregue fisicamente aos BIDs. Este, embora sem identificação, visou um maior detalhamento para análise.

Quadro 02 - Questionário sobre o uso do diário de bordo.

- 1) Você tem utilizado o diário como um dos instrumentos de acompanhamento/registro das atividades do PIBID? Sim (); Não ().
- 2) Em caso de resposta afirmativa, utiliza-o como principal instrumento?
Sim (); Não ().
- 3) Em relação ao momento em que se efetivaram os registros do diário, pode-se concluir que (marque quantas alternativas julgar pertinentes):
a) () Foram registros simultâneos às atividades; b) () Foram registros posteriores às atividades; c) () Os registros não estavam vinculados à nenhuma atividade.
- 4) Sobre o tipo de registro desenvolvido, você o define como:
a) () Descritivo; b) () Interpretativo; c) () Livre.
- 5) Quais são os registros do diário que se colocam mais relevantes para você?

- a) () Desenhos e anotações recebidos dos estudantes; b) () Registros descritivos das aulas;
c) () Comentários pessoais sobre o planejamento e encaminhamento das aulas;
d) () Pesquisas ou processos propostos pelos supervisores ou coordenadores; e) ()
Produções livres e autorais.
6) Caso tenha algum comentário que gostaria de acrescentar, por favor, utilize o espaço
abaixo:
(resposta livre)

Fonte: Equipe de coordenadores do PIBID - subprojeto Artes.

Por fim, para análise detalhada dos dados, procurou-se entender os percentuais de uso de diferentes métodos abordados nas descrições, e como os BIDs conferem a importância e a relevância ao processo e o uso do DB conforme veremos adiante.

Resultado 1 - A enquete através das redes sociais com o grupo de BIDs

Conforme primeira sondagem feita pela enquete ao grupo dos BIDs (edital 2024), entre os quinze respondentes, verificou-se que 100% afirmaram produzir descrições de atividades, tornando essa a prática mais recorrente. Em seguida, aparecem as criações livres, assinaladas por 13 dos participantes, as coletas e os presentes, registradas por 10 respostas; e, por último, as produções escritas de imagens a partir das aulas, correspondente a 3 dos participantes.

A predominância das descrições de atividades confirma que o DB cumpriu sua função inicial de acompanhamento das experiências no cotidiano escolar. Os registros visam narrar aulas observadas, planejamentos, intervenções pedagógicas, dificuldades encontradas e acontecimentos considerados significativos pelos licenciandos.

As coletas e os presentes aparecem como registros que ampliam a compreensão do diário para além da escrita. Em conversas informais com os BIDs, constatou-se que bilhetes produzidos pelos estudantes da educação básica — como pequenos objetos encontrados na escola, folhas, embalagens, fotografias e outros vestígios — passaram a integrar os cadernos como elementos de memória. Mais do que ilustrar acontecimentos, estes materiais funcionam como marcas materiais das relações construídas durante a experiência docente. Os relatos dos bolsistas ao longo das reuniões de equipe demonstram que esses objetos frequentemente assumem valor simbólico, sendo incorporados às páginas não apenas como recordação, mas como parte do próprio processo de elaboração das vivências na escola.

Embora essa categoria tenha sido mencionada por um número menor de participantes, as produções escritas e de imagens mostram uma característica importante da formação em Artes Visuais. Nesses registros, desenhos, colagens, fotografias e textos aparecem juntos como diferentes maneiras de registrar e interpretar as experiências vividas na escola, materializando memórias.

O número reduzido de respostas não foi interpretado, necessariamente, como uma conclusão de que o uso de imagens tenha sido pouco frequente nos diários, pois muitos bolsistas incorporaram elementos visuais às descrições das atividades e às criações livres, sem separá-los em uma categoria específica. Assim, texto e imagem aparecem de forma integrada, ampliando as possibilidades de observação, registro e reflexão sobre a prática docente (figuras 9 e 10).

Figuras 9 e 10: Imagens dos diários do subprojeto Artes



Fonte: Equipe PIBID (2026).

A grande presença de criações livres nos DBs mostra que muitos bolsistas passaram a utilizá-los como um espaço de experimentação artística. Desenhos, colagens, pinturas, poemas, anotações pessoais e exercícios gráficos aparecem como formas de registrar e elaborar as experiências vividas na escola, permitindo que aspectos mais subjetivos da formação também fossem incorporados aos registros. Para maior aprofundamento dos resultados, foi aplicado um segundo questionário cujos dados vemos a seguir.

Resultado 2 - O questionário físico

Em relação a atual equipe de BIDs (edital 2024), as respostas ao questionário apontaram que para todos os participantes o DB é um recurso de acompanhamento das atividades do projeto, mas para 55% o diário não é o recurso principal. Considerando que os registros podem ser feitos durante e depois das atividades (ou mesmo desvinculados delas), observou-se um equilíbrio dos dados coletados, de maneira que 50% dos BIDs consultados apontam fazer registros posteriores ao acompanhamento das aulas, e 45% de modo simultâneo. Este dado preserva a idéia de tempo vivido e do amadurecimento das informações ou formas de síntese das mesmas. Sobre a linguagem adotada nos diários, 70% marcou a opção “livre” e 35% “descritivo”, o que pode ser interpretado como o reconhecimento de uma prática multimodal, investigativa das práticas da formação docente em Artes Visuais e Expressão Gráfica, associadas por sua vez a uma autoria docente sensível, reflexiva e autocrítica.

Observando a relevância dos conteúdos contidos nos diários dos 20 BIDs que responderam o questionário, os que são nomeados como descritivos foram tidos como mais importantes por 8 estudantes, enquanto as produções livres foram marcadas por 5 estudantes como mais relevantes. Considerando os conteúdos menos relevantes, houve empate entre os itens “Desenhos e anotações recebidos dos estudantes” e “Produções livres e autorais”, ambos com 4 votos.

Chamou atenção nesses dados o modo como a chamada “escrita livre” gerou identificação dos BIDs, ainda que seja reconhecida a relevância dos registros descritivos. Compreende-se ser esse um tópico de reflexão sobre as especificidades dos registros feitos por licenciandos de Artes Visuais e Expressão Gráfica, que em sua formação acadêmica são estimulados a pensar na comunicação de ideias não apenas pela palavra, mas também por imagens. Tais considerações demonstram a necessidade de ampliar o debate acerca dos modos como é pensada a documentação, a verificação, a pertinência e a validação de processos formativos na docência em Artes Visuais e Expressão Gráfica.

Reconhecemos assim que os DBs são recursos valiosos vistos como estímulo ao hábito da escrita reflexiva e crítica. Porém, pontuamos que para os estudantes de Artes Visuais e Expressão Gráfica, esses objetos são também entendidos como cadernos de

artistas e, nesse sentido, são marcados pela subjetividade e pela ambiguidade, promovendo encontros entre documentação, observação e criação.

Considerações Finais

Para o grupo de Bolsistas de Iniciação à Docência (BIDs) atuantes no edital PIBID 2024, observa-se que os DBs assumiram múltiplas funções ao longo do processo formativo. Embora tenham sido apresentados inicialmente como recursos de observação e registro das experiências vividas no ambiente escolar, sua utilização revelou em diferentes formas de linguagens de apropriação pelos estudantes, evidenciando tanto dimensões documentais quanto processos de criação artística e reflexão sobre a prática docente.

Embora tenham prevalecido registros descritivos de caráter livre, observa-se que essas descrições raramente se limitam ao relato objetivo das atividades. Em diversos relatos, as narrativas são atravessadas por reflexões sobre o fazer docente, dúvidas, inquietações e avaliações das experiências vividas, revelando movimentos constantes entre observar, registrar, interpretar e praticar. Dessa forma, o DB configura-se também como espaço de elaboração crítica da formação inicial.

A grande presença de criações livres nos diários mostra que muitos bolsistas passaram a utilizá-los também como um espaço de experimentação artística. Desenhos, colagens, pinturas, poemas, anotações pessoais e exercícios gráficos aparecem como formas de registrar e elaborar as experiências vividas na escola, permitindo que aspectos mais subjetivos da formação também fossem incorporados aos registros.

Nesse sentido, o DB deixou de ser apenas um recurso para documentar as atividades desenvolvidas e passou a reunir memórias, percepções, afetos e processos criativos. Através dele, se torna possível observar que essas diferentes formas de registros dificilmente aparecem separadas. Em muitas páginas, descrições das aulas convivem com desenhos, colagens, objetos guardados ou comentários pessoais, revelando que os diários foram construídos de maneira livre e híbrida, sem uma divisão rígida entre documentação, criação e reflexão.

De modo geral, os resultados indicam que os DB ganharam características próprias quando desenvolvidos pelos licenciandos em Artes Visuais e Expressão Gráfica. Além de

acompanhar as atividades do PIBID, tornaram-se espaços de pesquisa, experimentação, expressão artística e reflexão sobre a prática docente. A liberdade na elaboração dos cadernos permitiu que cada bolsista encontrasse sua própria forma de registrar a experiência, produzindo percursos singulares de observação, criação e formação.

REFERÊNCIAS

INGOLD, Tim. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

KUSCHNIR, Karina. Desenho etnográfico: Onze benefícios de usar um diário gráfico no trabalho de campo. **Pensata**: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP, v. 7, n.1, p. 328-369, 2019. Disponível em: <<https://karinakuschnir.com/wp-content/uploads/2019/06/kuschnir-2018-desenho-etnografico-pensata.pdf>>. Acesso em: 28 de jun. de 2026.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico - de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP-Annablume, 1998.

SVENUNGSSON, Jan. An artist's text book: the decisive text, how i write and how others write. **Arteriais - revista do ppgartes**, UFPA, v. 11, n.21, 2025. Disponível em: <<https://www.jansvenungsson.com/by/a-escrita-de-artista.pdf>>. Acesso em: 28 de junho de 2026.